

Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Sapucaí

SAPUCAÍ – MG

Monitor de Creche

AB018-19

Todos os direitos autorais desta obra são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/12/1998.
Proibida a reprodução, total ou parcialmente, sem autorização prévia expressa por escrito da editora e do autor. Se você conhece algum caso de "pirataria" de nossos materiais, denuncie pelo sac@novaconcursos.com.br.

OBRA

Prefeitura de São Gonçalo do Sapucaí- MG

Monitor de Creche

Nº 01/2019

AUTORES

Língua Portuguesa - Profª Zenaide Auxiliadora Pachegas Branco
Conhecimentos Básicos Específicos - Profª Ana Maria B. Quiqueto

PRODUÇÃO EDITORIAL/REVISÃO

Elaine Cristina
Erica Duarte
Leando Filho
Karina Fávaro

DIAGRAMAÇÃO

Elaine Cristina
Thais Regis
Danna Silva

CAPA

Joel Ferreira dos Santos



www.novaconcursos.com.br

sac@novaconcursos.com.br

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA

Interpretação de texto.....	73
Ortografia.....	04
FonéticaMorfologia.....	10
Sintaxe.....	53
Emprego de verbos.....	04

CONHECIMENTOS BÁSICOS ESPECÍFICOS

Noções sobre psicomotricidade.....	01
Noções básicas sobre psicologia infantil.....	04
Noções sobre primeiros socorros.....	10
Relações humanas e Públicas.....	16
Conhecimentosdeplanejamentodasatividadesdecreches.....	18
Higiene.....	27
Alimentação infantil.....	27
Atividades lúdicas infantil.....	31
Berçário e noções de puericultura.....	35
Ética Profissional.....	36

ÍNDICE

LÍNGUA PORTUGUESA

Fonética e Fonologia.....	01
Ortografia.....	04
Morfologia.....	10
Sintaxe.....	53
Pontuação.....	62
Semântica.....	66
Estilística.....	68
Textos: dissertativo, narrativo e descritivo.....	73
Compreensão de textos.....	73

Classificação dos Fonemas

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em:

Vogais

As vogais são os fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Isso significa que em toda sílaba há, necessariamente, uma única vogal.

Na produção de vogais, a boca fica aberta ou entreaberta. As vogais podem ser:

Orais: quando o ar sai apenas pela boca: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/.

Nasais: quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais.

/ã/: *fã, canto, tampa*

/ê/: *dente, tempero*

/ĩ/: *lindo, mim*

/õ/: *bonde, tombo*

/ũ/: *nunca, algum*

Átonas: pronunciadas com menor intensidade: *até, bola.*

Tônicas: pronunciadas com maior intensidade: *até, bola.*

Quanto ao timbre, as vogais podem ser:

Abertas: *pé, lata, pó*

Fechadas: *mês, luta, amor*

Reduzidas - Aparecem quase sempre no final das palavras: *dedo* ("dedu"), *ave* ("avi"), *gente* ("genti").

Semivogais

Os fonemas /i/ e /u/, algumas vezes, não são vogais. Aparecem apoiados em uma vogal, formando com ela uma só emissão de voz (uma sílaba). Neste caso, estes fonemas são chamados de *semivogais*. A diferença fundamental entre vogais e semivogais está no fato de que estas não desempenham o papel de núcleo silábico.

Observe a palavra *papai*. Ela é formada de duas sílabas: *pa - pai*. Na última sílaba, o fonema vocálico que se destaca é o "a". Ele é a vogal. O outro fonema vocálico "i" não é tão forte quanto ele. É a semivogal. Outros exemplos: *saudade, história, série*.

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal, fazendo com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre consoam ("soam com") as vogais. Exemplos: /b/, /t/, /d/, /v/, /l/, /m/, etc.

Encontros Vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para dividir corretamente os vocábulos em sílabas. Existem três tipos de encontros: o *ditongo*, o *tritongo* e o *hiato*.

A) Ditongo

É o encontro de uma vogal e uma semivogal (ou vice-versa) numa mesma sílaba. Pode ser:

Crescente: quando a semivogal vem antes da vogal: *sé-rie* (i = semivogal, e = vogal)

Decrescente: quando a vogal vem antes da semivogal: *pai* (a = vogal, i = semivogal)

Oral: quando o ar sai apenas pela boca: *pai*

Nasal: quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais: *mãe*

B) Tritongo

É a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nesta ordem, numa só sílaba. Pode ser oral ou nasal: *Paraguai* - Tritongo oral, *quão* - Tritongo nasal.

C) Hiato

É a sequência de duas vogais numa mesma palavra que pertencem a sílabas diferentes, uma vez que nunca há mais de uma vogal numa mesma sílaba: *saída* (sa-i-da), *poesia* (po-e-si-a).

Encontros Consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de *encontro consonantal*. Existem basicamente dois tipos:

A) os que resultam do contato consoante + "l" ou "r" e ocorrem numa mesma sílaba, como em: *pe-dra, pla-no, a-tle-ta, cri-se*.

B) os que resultam do contato de duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: *por-ta, rit-mo, lis-ta*.

Há ainda grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: *pneu, gno-mo, psi-có-lo-go*.

Dígrafos

De maneira geral, cada fonema é representado, na escrita, por apenas uma letra: *lixo* - Possui quatro fonemas e quatro letras.

Há, no entanto, fonemas que são representados, na escrita, por duas letras: *bicho* - Possui quatro fonemas e cinco letras.

Na palavra acima, para representar o fonema /xe/ foram utilizadas duas letras: o "c" e o "h".

Assim, o *dígrafo* ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema (di = dois + grafo = letra). Em nossa língua, há um número razoável de dígrafos que convém conhecer. Podemos agrupá-los em dois tipos: consonantais e vocálicos.

A) Dígrafos Consonantais

Letras	Fonemas	Exemplos
lh	/lhe/	telhado
nh	/nhe/	marinheiro
ch	/xe/	chave
rr	/re/ (no interior da palavra)	carro
ss	/se/ (no interior da palavra)	passo
qu	/k/ (qu seguido de e e i)	queijo, quiabo
gu	/g/ (gu seguido de e e i)	guerra, guia
sc	/se/	crescer
sç	/se/	desço
xc	/se/	exceção

B) Dígrafos Vocálicos

Registram-se na representação das vogais nasais:

Fonemas	Letras	Exemplos
/ã/	am	tampa
	an	canto
/ẽ/	em	templo
	en	lenda
/ĩ/	im	limpo
	in	lindo
/õ/	om	tombo
	on	tonto
/ũ/	um	chumbo
	un	corcunda

Observação:

"gu" e "qu" são dígrafos somente quando seguidos de "e" ou "i", representam os fonemas /g/ e /k/: *guitarra, aquilo*. Nestes casos, a letra "u" não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o "u" representa um fonema - semivogal ou vogal - (*aguardar, linguiça, aquífero...*). Aqui, "gu" e "qu" não são dígrafos. Também não há dígrafos quando são seguidos de "a" ou "o" (*quase, averiguo*).



#FicaDica

Conseguimos ouvir o som da letra "u" também, por isso não há dígrafo! Veja outros exemplos: Água = /agua/ pronunciamos a letra "u", ou então teríamos /aga/. Temos, em "água", 4 letras e 4 fonemas. Já em guitarra = /gitara/ - não pronunciamos o "u", então temos dígrafo (aliás, dois dígrafos: "gu" e "rr"). Portanto: 8 letras e 6 fonemas.

Dífonos

Assim como existem duas letras que representam um só fonema (os dígrafos!), existe letra que representa dois fonemas. Sim! É o caso de "fixo", por exemplo, em que o "x" representa o fonema /ks/; *táxi* e *crucifixo* também são exemplos de dífonos. Quando uma letra representa dois fonemas temos um caso de **dífono**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30.^a ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
- AMARAL, Emília... [et al.] *Português: novas palavras: literatura, gramática, redação* – São Paulo: FTD, 2000.
- CEREJA, Wiliam Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar - *Português linguagens: volume 1*. – 7.^a ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

SITE

Disponível em: <<http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono1.php>>

ORTOGRAFIA

Ortografia

A ortografia é a parte da Fonologia que trata da correta grafia das palavras. É ela quem ordena qual som devem ter as letras do alfabeto. Os vocábulos de uma língua são grafados segundo acordos ortográficos.

A maneira mais simples, prática e objetiva de aprender ortografia é realizar muitos exercícios, ver as palavras, familiarizando-se com elas. O conhecimento das regras é necessário, mas não basta, pois há inúmeras exceções e, em alguns casos, há necessidade de conhecimento de etimologia (origem da palavra).

1. Regras ortográficas

A) O fonema S

São escritas com S e não C/Ç

- Palavras substantivadas derivadas de verbos com radicais em **nd, rg, rt, pel, corr e sent**: *pretender* - *pretensão* / *expandir* - *expansão* / *ascender* - *ascensão* / *inverter* - *inversão* / *aspergir* - *aspersão* / *submergir* - *submersão* / *divertir* - *diversão* / *impelir* - *impulsivo* / *compelir* - *compulsório* / *repelir* - *repulsa* / *recorrer* - *recurso* / *discorrer* - *discurso* / *sentir* - *sensível* / *consentir* - *consensual*.

São escritas com SS e não C e Ç

- Nomes derivados dos verbos cujos radicais terminem em **gred, ced, prim** ou com verbos terminados por **tir** ou **-meter**: *agredir* - *agressivo* / *imprimir* - *impressão* / *admitir* - *admissão* / *ceder* - *cessão* / *exceder* - *excesso* / *percutir* - *percussão* / *regredir* - *regressão* / *oprimir* - *opressão* / *comprometer* - *compromisso* / *submeter* - *submissão*.
- Quando o prefixo termina com vogal que se junta com a palavra iniciada por "s". Exemplos: *a* + *simétrico* - *assimétrico* / *re* + *surgir* - *ressurgir*.
- No pretérito imperfeito simples do subjuntivo. Exemplos: *ficasse*, *falasse*.

São escritas com C ou Ç e não S e SS

- Vocábulos de origem árabe: *cetim*, *açucena*, *açúcar*.
- Vocábulos de origem tupi, africana ou exótica: *cipó*, *Juçara*, *caçula*, *cachaça*, *cacique*.

- Sufixos **aça, aço, açã, çar, ecer, içã, nça, uça, uçu, uço**: *barcaça*, *ricaço*, *aguçar*, *empalidecer*, *caniça*, *caniço*, *esperança*, *carapuça*, *dentuço*.
- Nomes derivados do verbo **ter**: *abster* - *abstenção* / *deter* - *detenção* / *ater* - *atenção* / *reter* - *retenção*.
- Após ditongos: *foice*, *coice*, *traição*.
- Palavras derivadas de outras terminadas em **-te, to(r)**: *marte* - *marciano* / *infrator* - *infração* / *absorto* - *absorção*.

B) O fonema z

São escritos com S e não Z

- Sufixos: **ês, esa, esia, e isa**, quando o radical é substantivo, ou em gentílicos e títulos nobiliárquicos: *freguês*, *freguesa*, *freguesia*, *poetisa*, *baronesa*, *princesa*.
- Sufixos gregos: **ase, ese, ise e ose**: *catequese*, *metamorfose*.
- Formas verbais **pôr** e **querer**: *pôs*, *pus*, *quisera*, *quis*, *quiseste*.
- Nomes derivados de verbos com radicais terminados em **"d"**: *aludir* - *alusão* / *decidir* - *decisão* / *empreender* - *empresa* / *difundir* - *difusão*.
- Diminutivos cujos radicais terminam com **"s"**: *Luís* - *Luisinho* / *Rosa* - *Rosinha* / *lápiz* - *lapisinho*.
- Após ditongos: *coisa*, *pausa*, *pouso*, *causa*.
- Verbos derivados de nomes cujo radical termina com **"s"**: *análisis(e)* + *ar* - *analisar* / *pesquis(a)* + *ar* - *pesquisar*.

São escritos com Z e não S

- Sufixos **"ez"** e **"eza"** das palavras derivadas de adjetivo: *macio* - *maciez* / *rico* - *riqueza* / *belo* - *beleza*.

Sufixos **"izar"** (desde que o radical da palavra de origem não termine com s): *final* - *finalizar* / *concreto* - *concretizar*.

- Consoante de ligação se o radical não terminar com "s": *pé* + *inho* - *pezinho* / *café* + *al* - *cafezal*

Exceção: *lápiz* + *inho* - *lapisinho*.

C) O fonema j

São escritas com G e não J

- Palavras de **origem grega ou árabe**: *tigela*, *girafa*, *gesso*.
- Estrangeirismo, cuja letra G é originária: *sargento*, *gim*.
- Terminações: **agem, igem, ugem, ege, oge** (com poucas exceções): *imagem*, *vertigem*, *penugem*, *bege*, *foge*.

Exceção: *pajem*.

- Terminações: **ágio, égio, ígio, ógio, ugio**: *sortilégio*, *litígio*, *relógio*, *refúgio*.
- Verbos terminados em **ger/gir**: *emergir*, *eleger*, *fugir*, *mugir*.
- Depois da letra "r" com poucas exceções: *emergir*, *surgir*.
- Depois da letra "a", desde que não seja radical terminado com j: *ágil*, *agente*.

São escritas com J e não G

ÍNDICE

CONHECIMENTOS BÁSICOS ESPECÍFICOS

Noções sobre psicomotricidade.....	01
Noções básicas sobre psicologia infantil.....	04
Noções sobre primeiros socorros.....	10
Relações humanas e Públicas.....	16
Conhecimentos de planejamento das atividades de creches.....	18
Higiene.....	27
Alimentação infantil.....	27
Atividades lúdicas infantil.....	31
Berçário e noções de puericultura.....	35
Ética Profissional.....	36

NOÇÕES SOBRE PSICOMOTRICIDADE

Pontuam Santa Clara e Finck, que segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), *a expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para educação infantil.*

Desta forma a Educação Infantil tem obtido certa valorização, sendo objeto de discussões realizadas pelos professores e demais profissionais interessados no desenvolvimento infantil. Nesse sentido o RCNEI (BRASIL, 1998) se manifesta dizendo:

A conjunção desses fatores ensejou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento às crianças – na idade da educação infantil – fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento.

A Educação Infantil tem obtido certa valorização e aparece com discussões e nova identidade com uma preocupação de qualidade. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), afirma:

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. As novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

Sendo assim, há necessidade de discussões sobre temáticas que estejam presentes no cotidiano das práticas dos professores, pois estas se tornam cada vez mais importantes, visto a real necessidade sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil.

Percebe-se ainda há uma grande preocupação com o desenvolvimento cognitivo na Educação Infantil, prevalecendo à ideia, muitas vezes, de que este nível da educação básica é uma etapa preparatória para o ingresso da criança no ensino fundamental. Desta forma algumas práticas pedagógicas de aprendizagem têm maior destaque e são mais desenvolvidas, assim muitas vezes são deixados de lado aspectos primordiais no desenvolvi-

mento da criança como o movimento e a expressividade, aspectos estes que envolvem o corpo que se move se expressa e se relaciona. Segundo Garanhani (2008, p. 128):

A escola da pequena infância, ao proporcionar um meio favorável ao desenvolvimento infantil nos seus diversos domínios - a afetividade, a cognição e o movimento, realiza a mediação entre a criança e o conhecimento culturalmente construído e traduzido em diferentes linguagens: oral, corporal, musical, gráfico-pictórica e plástica. Ao mesmo tempo, desenvolve na criança habilidades para a expressão e comunicação.

Ainda dentro desse contexto, Garanhani (2008, p. 129) afirma que: *Para que o conhecimento e o desenvolvimento de diferentes linguagens estejam presentes na educação da pequena infância, é necessário estar atento ao fazer pedagógico da Educação Infantil, que deverá contemplar ações pedagógicas que privilegiem diversas formas de interação e comunicação da criança com o meio e com seu grupo. Essa condição está diretamente atrelada à formação da educadora responsável pela escolarização dessa idade.*

A psicomotricidade como ciência que estuda o movimento humano, considerando o ser em sua totalidade é um meio que auxilia para um melhor desenvolvimento. Wallon (2005) pioneiro nos estudos da psicomotricidade ressalta sua importância e relaciona o movimento ao afeto e a emoção. Segundo Fonseca (2008), para Wallon, a evolução da criança processa-se em uma dialética de desenvolvimento na qual entram em jogo inúmeros fatores: metabólicos, morfológicos, psicotônicos, psicoemocionais, psicomotores e psicossociais.

A falta do desenvolvimento dos esquemas psicomotores vem se destacando de forma recorrente como uma das causas das dificuldades de aprendizagem das crianças. Estudos de vários pesquisadores, indicam que os aspectos psicomotores interferem na aprendizagem escolar dos alunos, embora poucos professores saibam realmente a verdadeira importância sobre o desenvolvimento desses pressupostos psicomotores, principalmente na Educação Infantil.

Uma proposta de educação psicomotora na Educação Infantil desenvolve uma postura adequada para a aprendizagem da criança com caráter preventivo em relação ao seu desenvolvimento integral nas várias etapas de crescimento.

Assim, surge a necessidade de que os professores que atuam na Educação Infantil tenham a formação e o conhecimento sobre as práticas psicomotoras na escola. O educador deve estar atento a qualquer alteração no desenvolvimento motor da criança, para que assim ocorra um bom desenvolvimento cognitivo e integral. Dar início nos primeiros anos de vida às práticas psicomotoras é fundamental para o desenvolvimento infantil.

Para Garanhani (2008): *Wallon (1979) ressalta que, na pequena infância, o ato mental se desenvolve no ato motor, ou seja, a criança pensa quando está realizando a ação e isso faz com que o movimento do corpo ganhe um papel de destaque nas fases iniciais do desenvolvimento infantil.*

A criança ao ingressar na escola, independentemente da idade em que se encontra, traz consigo saberes sobre os movimentos que realiza com o seu corpo, os quais são apropriados e construídos nos diferentes espaços e

relações em que vive (GARANHANI, 2008). Desse modo, a escola poderá sistematizar e ampliar o conhecimento da criança sobre o seu movimento.

Segundo Costa (2007): [...] *até o fim do século XVIII o corpo foi visto sob a ótica filosófica. Só a partir do século XIX passou a ser considerado como objeto, sujeito a estudos sistemáticos e profundos no âmbito da experimentação. Como objeto de estudo, o corpo despertava interesse nos diversos seguimentos da ciência. A neuropsicologia e a neurologia foram as primeiras a estudá-lo de forma sistemática e experimental, na tentativa de compreender a estrutura e funcionamento cerebral, bem como suas patologias. Mais tarde, o corpo passou a ser estudado pela Psicologia e pela Psicanálise a fim de compreender a evolução da inteligência e suas perturbações.*

Os aspectos do movimento começam ainda no útero, mesmo antes de qualquer outra forma de comunicação, logo após o nascimento e mesmo antes da criança adquirir a linguagem propriamente dita, ela já se comunica tendo o movimento como uma resposta às suas necessidades diárias, pois através destes consegue manifestar sentimentos e anseios, e se relacionar com o meio em que vive.

Na concepção de Le Boulch (1988), a evolução psicomotora se divide em três estágios: corpo vivido, corpo percebido ou descoberto e corpo representado.

A primeira etapa é a do corpo vivido que compreende ao período sensório motor descrito por Piaget, seria a fase dos primeiros anos de vida (0 a 3 anos), nela a criança não tem consciência do eu confundindo-se com o espaço que vive. Com seu amadurecimento e suas experiências do cotidiano a criança passa aos poucos diferenciando-se de seu ambiente. Segundo Fonseca (2008): *A relação sujeito-objeto assume um papel oriundo no pensamento Walloniano, exatamente porque ambos se tornam dialeticamente necessários e complementares ao surgimento de sistemas funcionais fundamentais para o desenvolvimento psicomotor. Ao manipular objetos, a criança atinge efeitos que a excitam emocionalmente e a encantam como autodescoberta, fazendo com que os mesmos gestos se repitam e se automatizem, porque geram sensações viscerais e musculares agradáveis e arrebatadoras. Explora objetos ao mesmo tempo em que se explora corporalmente a si própria, autoconhecendo-se.*

Nesta etapa a criança descobre o mundo de objetos, evoluindo a apreensão e começa a manipulá-los, adquirindo a posição de sentada, onde passa um objeto de uma mão para a outra. A evolução da locomoção também acontece multiplicando as possibilidades de exploração no ambiente, sobretudo em relação ao objeto novo. Segundo Le Boulch (1988): [...] no fim do período sensório motor, que Piaget situa entre 15 a 18 meses, é adquirida a permanência do objeto. Depois da experiência tônica emocional frente às pessoas, vai desenvolver-se a experiência motora intencional frente ao objeto. É através da atividade praxica que a criança vai descobrir sua existência e como pessoa ela vai conquistar a sua unidade através da experiência vivenciada com o corpo eficazmente.

Dessa forma a criança descobre e conquista o seu meio a cada dia. Estímulos externos organizam o comportamento, principalmente na relação mãe e filho. Nesta fase a criança faz descobertas através de suas experiên-

cias da diversidade de pessoas que vivem em seu meio. A etapa do corpo vivido termina na primeira imagem do corpo identificado pela criança como seu próprio EU.

Na segunda etapa que engloba a idade entre os três aos sete anos, inicia-se a etapa do corpo percebido ou descoberto. Segundo Le Boulch, (1988): *A emergência da função de interiorização, contemporânea do reconhecimento de seu próprio Eu, vai permitir-lhe deslocar sua atenção sobre seu "próprio corpo" e descobrir suas próprias características corporais. Começa o período de estruturação do esquema corporal, etapa importante na evolução da imagem do corpo, sendo este o instrumento de inserção na realidade.*

Nesta fase a criança passa a ter uma maior coordenação, desta forma obtém consciência do seu corpo como referência e inicia o conhecimento de conceitos relacionados a espaço e tempo tais como em cima, em baixo, adiante e atrás. Segundo Oliveira (2008) a criança: [...] percebe as tomadas de posições e associa seu corpo aos objetos da vida cotidiana. Ela chega à representação mental dos elementos do espaço e isto é possível graças à primeira fase de descoberta e experiências vividas pela criança. Ela descobre sua dominância e com ela seu eixo corporal. Passa a ver seu corpo como um ponto de referência para se situar e situar os objetos em seu espaço e tempo. Este é o primeiro passo para que ela possa, mais tarde, chegar à estruturação espaciotemporal.

Segundo Le Boulch, (1988), o período de três a sete anos corresponde ao estágio da "estruturação perceptiva", o qual deve responder a dois grandes objetivos: [...] permitir a criança alcançar seu desabrochamento no plano da vivência corporal alcançando com bem estar o exercício da motricidade espontânea, prolongada pela expressão verbal e gráfica; assegurar a passagem à escola elementar tendo o papel de prevenção, a fim de evitar que a criança se depare, nessa época, com dificuldades na aquisição das primeiras tarefas escolares.

A terceira etapa refere-se a do corpo representado, a qual engloba a idade da criança entre sete a doze anos, Oliveira, G. (2008) menciona que: *Nesta etapa observa-se a estruturação do esquema corporal, até este momento, a criança já adquiriu as noções do todo e das partes do seu corpo (que é percebido através da verbalização e do desenho da figura humana), já conhece as posições e consegue movimentar-se corretamente no meio ambiente com um controle e domínio corporal maior. A partir daí, ela amplia e organiza seu esquema corporal.*

Nesta fase de desenvolvimento da criança seus pontos de referências não ficam mais centrados no corpo próprio, desta forma ela cria os pontos que podem orientá-las. Neste momento a criança realiza por si as suas ações, com aperfeiçoamento dos seus movimentos e coordenação.

Desta forma o conhecimento por parte dos professores sobre o desenvolvimento psicomotor se torna primordial no desenvolvimento das práticas pedagógicas cotidianas dentro da escola.

Segundo Garanhani (2008): Assim, ao ingressar na escola, independentemente da idade em que se encontra, a criança traz consigo saberes sobre os movimentos que realiza com seu corpo, apropriados e construídos nos di-

ferentes espaços e relações em que vive. Desse modo, a escola poderá sistematizar e ampliar o conhecimento da criança sobre o seu movimentar.

Assim é fundamental e necessário que o professor tenha conhecimentos sobre psicomotricidade e desenvolvimento infantil, bem como da importância do desenvolvimento de uma educação psicomotora na Educação Infantil.

Referências:

SANTA CLARA, C. A. W.; FINCK, S. C. M. A educação psicomotora e a prática pedagógica dos professores da educação infantil: interlocuções e discussões necessárias. UEPG, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol 1. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC-SEF, 1998.

FONSECA, V. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

A PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

O procedimento de aprendizagem é um processo complexo que abrange preceitos e capacidades diversas, inclusive as motoras. É de suma importância que a criança adquira determinadas habilidades durante a fase pré-escolar, permitindo e facilitando sua aprendizagem. Essas habilidades são condições básicas e necessárias para uma boa aprendizagem, e constituem a estrutura da educação psicomotora. O desenvolvimento psicomotor demanda subsídio constante do docente pelo meio da estimulação, assim sendo não é uma tarefa específica do professor de Educação Física, e sim de todos profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Fonseca (1995) define que a psicomotricidade pode ser estudada através de sete fatores como necessidades psicomotoras, são elas: tonicidade, equilíbrio, lateralidade, noção corporal, estruturação espaço-temporal, coordenação global e fina e óculo manual.

Conhecimento corporal: O corpo é considerado a primeira forma de linguagem para a criança, já que com ele, a mesma introduz sua comunicação com o meio. O conhecimento corporal é um componente fundamental e imprescindível para a formação da personalidade da criança.

O corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe-se e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo. Isto significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para se diferenciar, para sentir diferenças. Ela passa a distingui-lo em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os.

Ainda segundo Oliveira, "O esquema corporal não é um conceito aprendido, que se possa ensinar, pois não depende de treinamento. Ele se organiza pela experiência do corpo da criança." A autora diz ainda que essa constituição do esquema corporal é feita pela criança aos

poucos, quando ela nasce tem diversas sensações e percepções proprioceptivas, mas ainda não consegue organizá-las, logo que ela vai crescendo, vai se reconhecendo e se adaptando a elas, essas sensações e percepções vão ganhando significações a partir da influência mútua da criança com o mundo cultural que a cerca, por meio das intermediações dos adultos que vão nomeando para a criança todas essas percepções e sensações que ocorrem com a mesma.

Na educação das crianças, é preciso associar os movimentos aos objetivos educacionais, criando relações e situações apropriadas ao favorecimento da aprendizagem, salientando a importância do profissional da educação em trabalhar essa ciência em sala de aula.

A Psicomotricidade pode auxiliar de forma eficaz no rendimento da criança, levando em conta a personalidade e a vontade da mesma, favorecendo o desenvolvimento dos gestos e movimentos, desenvolvendo o equilíbrio e a capacidade da percepção. Todo conhecimento e toda relação estão baseados nas vivências, a construção do esquema corporal, por exemplo, junto à consciência e o conhecimento, a organização dinâmica, e o uso do próprio corpo, devem ser a chave de toda a educação da criança.

Tônus e Equilíbrio: A tonicidade, que indica o tônus muscular é a tensão fisiológica dos músculos que garante equilíbrio estático e dinâmico, coordenação e postura em qualquer posição adotada pelo corpo, esteja ele parado ou em movimento e tem um papel primordial no desenvolvimento psicomotor é ela que garante as atitudes e as emoções através das quais emergem todas as atividades motoras humanas. Para Le Boulch, "O tônus muscular é o alicerce das atividades práticas". Através desses embasamentos teóricos podemos compreender que o tônus muscular está presente em todas as funções motoras, como o movimento, o equilíbrio e a coordenação.

Lateralidade: Para Oliveira, "A lateralidade é a propensão que o ser humano possui de utilizar preferencialmente mais um lado do corpo do que o outro em três níveis: mão, olho e pé, significando que o indivíduo utiliza um lado do corpo com maior predominância, com mais precisão, é ele quem executa a ação principal, ficando para o outro lado a função de auxiliar nessa ação, entretanto, os dois não funcionam isoladamente, mas de forma complementar.

Estruturação espaço-temporal: É de fundamental importância para que se viva em sociedade. É por meio do espaço e das relações espaciais que se situa no meio em que vive, em que se instituem semelhanças entre as coisas, em que se fazem observações, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e diferenças entre elas.

Coordenação motora global: Diz respeito à atividade dos grandes músculos. Depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo. A coordenação global leva a criança a adquirir a dissociação de movimentos. Isto significa que ela terá condições de realizar diversos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade do gesto.

Coordenação motora fina e óculo-manual: diz respeito à habilidade e o exercício manual e institui uma aparência particular da coordenação global. É necessário

ter condições de desenvolver formas diversas de pegar os diferentes objetos. Não é suficiente possuir somente a coordenação fina, é imprescindível que haja também controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão. Chama-se a isto de coordenação óculo-manual. A coordenação óculo-manual se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido, ligados aos gestos executados, facilitando, assim, uma maior harmonia do movimento.

Fonte

SOUSA, J. M. de.; SILVA, J. B. L. da. A Psicomotricidade na Educação Infantil. v.4, n.2, p. 128 - 135, ago. - dez. 2013



EXERCÍCIO COMENTADO

1. (SESC/PE- Professor I- Educação Infantil- UPE-NET/2017) No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) - Formação Pessoal e Social, além da imitação e do faz-de-conta, qual é o outro recurso fundamental no processo de construção do sujeito?

- a) A oposição.
- b) A obediência.
- c) A sujeição.
- d) A heteronomia.
- e) A dedicação.

Resposta: Letra A

Opor-se, significa, em certo sentido, diferenciar-se do outro, afirmar o seu ponto de vista, os seus desejos. Vários são os contextos em que tal conduta pode ocorrer, sua intensidade depende de vários fatores, tais como características pessoais, grau de liberdade oferecido pelo meio, momento específico do desenvolvimento pessoal em que se encontra.

É comum haver fases em que a oposição é mais intensa, ocorrendo de forma sistemática e concentrada. A observação das interações infantis sugere que são diversos os temas de oposição, os quais tendem a mudar com a idade — por exemplo, disputa por um mesmo brinquedo, briga por causa de um lugar específico, desentendimento por causa de uma ideia ou sugestão etc. Embora seja de difícil administração por parte do adulto, é bom ter em vista que esses momentos desempenham um papel importante na diferenciação e afirmação do eu.

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE PSICOLOGIA INFANTIL

O desenvolvimento humano se estabelece através da interação do indivíduo com o ambiente físico e social. Se caracteriza pelo desenvolvimento mental e pelo crescimento orgânico.

O desenvolvimento mental se constrói continuamente e se constitui pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. As estruturas mentais são formas de organi-

zação da atividade mental que vão se aperfeiçoando e se solidificando, até o momento em que todas elas, estando plenamente desenvolvidas, caracterizarão um estado de equilíbrio superior em relação à inteligência, à vida afetiva e às relações sociais. Algumas estruturas mentais podem permanecer ao longo de toda a vida, como, por exemplo: a motivação.

Outras estruturas são substituídas a cada nova fase da vida do indivíduo. A obediência da criança é substituída pela autonomia moral do adolescente. A relação da criança com os objetos que, se dá primeiro apenas de forma concreta se transforma na capacidade de abstração.

Esta área de conhecimento da psicologia estuda o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social – desde o nascimento até a idade adulta.

O desenvolvimento do conhecimento é um processo espontâneo, ligado ao processo global da embriogênese. A embriogênese diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas também ao desenvolvimento do sistema nervoso e ao desenvolvimento das funções mentais.

No caso do desenvolvimento do conhecimento nas crianças, a embriogênese só termina na vida adulta. É um processo de desenvolvimento total que devemos re-situar no contexto geral biológico e psicológico. Em outras palavras, o desenvolvimento é um processo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento.

A aprendizagem apresenta o caso oposto. Em geral, a aprendizagem é provocada por situações, provocada por um experimentador psicológico; ou por um professor, com referência a algum ponto didático; ou por uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo. Além disso, é um processo limitado a um problema simples ou uma estrutura simples.

Para alguns psicólogos o desenvolvimento é reduzido a uma série de itens específicos aprendidos, e então o desenvolvimento seria a soma, a acumulação dessa série de itens específicos.

Cada fase do desenvolvimento humano: pré-natal, infância, adolescência, maturidade e senescência; apresentam características que as identificam e permitem o seu reconhecimento. O seu estudo possibilita uma melhor observação, compreensão e interpretação do comportamento humano. Distinguindo como nascem e como se desenvolvem as funções psicológicas do ser humano para subsidiar a organização das condições para o seu desenvolvimento pleno. O desenvolvimento humano é determinado pela interação de vários fatores.

A psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem é um campo da Psicologia que estuda o desenvolvimento físico-motor, afetivo-emocional, intelectual e social da infância até a vida adulta. Esta abordagem compreende, ainda, as mudanças comportamentais pelas quais passamos ao longo dos anos, e o entendimento das próprias origens.

Nosso desenvolvimento ocorre por meio do acúmulo contínuo de novos conhecimentos, de vivências práticas, ou é um caminho natural e inerente a tudo isso?

Estes são alguns dos questionamentos levantados pelos profissionais especializados nesta área. O acompanhamento das mudanças de comportamento que ocor-